REVISTA SANTA RITA

Ciências Humanas



ISSN 1980 -1742 Ano 14 – Número 28 – Julho de 2019

Todos os direitos desta edição estão reservados

REVISTA SANTA RITA

CIÊNCIAS HUMANAS

Ano 14, Número 28, Julho de 2019 ISSN 1980-1742

FICHA TÉCNICA

Reitor do

Centro Universitário Santa Rita de Cássia Anunciato Storópoli Neto

Coordenador Geral Gabriel Sassi Storópoli

Conselho Editorial Antonio V. B. Mota F9 - UNICAMP/ École des Haut Étude en Science Sociale (Paris)

Gabriel Sassi Storópoli - UniSantaRita Silvia Sassi Storópoli - UniSantaRita

Corpo Editorial Francisca Gorete Bezerra Sepúlveda

Jorge Luiz Barros da Silva Paulo de Tarso Santini Tonon

Edição e editoração Paulo de Tarso Santini Tonon



Unidade Jaçanã: Avenida Jaçanã, 648 – Jaçanã São Paulo – SP – CEP 02273 001 http://www.santarita.br
Telefone (11) 2241 - 0777

^{*} permitida a livre reprodução e divulgação, desde que citada a fonte

CAPA



Space between words

(Espaço entre palavras) - Rob Gonsalves

https://thecreatorsproject-images.vice.com/content-images/contentimage/noslug/b4fefc024470b7799b0ab05659abe817.jpg

Rob Gonsalves (*Toronto, 25 de junho de 1959 / +14 de junho de 2017) foi um artista canadense de ascendência portuguesa, um dos mestres da arte fantástica. Suas obras criam ilusões e interagem entre o mundo real e o imaginário e levam o espectador a refletir sobre o que está vendo e a tentar desvendar seus mistérios.

Ainda criança, desenvolveu interesse pela arte. Na adolescência, sua percepção da arquitetura cresceu depois que ele aprendeu técnicas de perspectiva e começou a criar suas primeiras pinturas e renderizações de edifícios imaginados. Depois de uma introdução a artistas como Escher, Dalí e Tanguy, Gonsalves começou a pintar suas primeiras obras surrealistas. A abordagem do Realismo mágico de Magritte, juntamente com as ilusões precisas da perspectiva de Escher, passaram a influenciar seu trabalho daí por diante.

Para entender e visualizar os mistérios de suas obras é preciso observar, entrar em seu mundo. Parar, rever e se questionar sobre o que realmente está sendo visto.

Suas obras são comparadas com as de Maurits Cornelis Escher. Suas ilusões fazem ligações entre mundos distintos, unem o real e o fantástico. Rob Gonsalves não responde qual é de fato a realidade, deixando tal tarefa a quem se dispõe a explorar suas telas.

A mensagem principal de suas obras é que não podemos e nem devemos acreditar do que vemos logo no primeiro momento.

É o tipo de pintura em que o observador consegue captar realidades paralelas distintas em um mesmo objeto e ao mesmo tempo.

Rob Gonsalves produziu diversas telas, se estabeleceu no mercado internacional e se suicidou no dia 14 de junho de 2017.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rob_Gonsalves

REALIDADE E IMAGINAÇÃO

Paulo de Tarso Santini Tonon

Muitos foram os artistas que exploraram — para nosso encantamento e deleite - essa fronteira obscura que se encontra a meio caminho daquilo que convencionamos chamar de realidade e a limitada tradução do mundo físico que nos permitem os sentidos.

Sabemos, a partir do conhecimento que atualmente possuímos, que o que os sentidos nos informam não corresponde exatamente à natureza material dos objetos do mundo. As imagens que vemos nada mais são que mera interpretação — bastante alterada por nossa cultura, conhecimento e cognição — daquilo que nossos sensores biológicos captam do que é exterior ao nosso ser. Assim, o mundo é para nós, nada além do resultado cognitivo pós-perceptivo que o organiza de forma a mantê-lo, tanto quanto possível, como acreditamos que ele é.

As paisagens de Salvador Dali, as pinturas de Magritte, a arquitetura surpreendente que Escher expressa em suas xilogravuras e o desnudamento da alma que as formas evocam nas pinturas de Rob Gonsalves, são assimiladas pela nossa mente da mesma maneira que são aceitas pelo plano bidimensional em que foram impressas. Podemos talvez hipotetizar que a mente humana, assim como o papel ou as telas, produz pensamentos e ideias bidimensionais. Até aí, nenhum problema. Nossa visão, apesar de bidimensional, nos permite perceber o ambiente como tridimensional, graças ao erro de paralaxe produzido pelos nossos dois olhos, bem como à capacidade cognitiva de interpretar a profundidade, pois temos pleno conhecimento da tridimensionalidade das coisas que nos cercam, o que inclui nossos próprios corpos.

Os problemas começam quando desconsideramos que nem tudo aquilo que é bidimensional pode ser transposto para a tridimensionalidade. Os edifícios concebidos por Escher jamais poderão ser construídos com madeira, pedras e cimento — sua natureza é totalmente apartada dos princípios e leis que regem a tridimensionalidade. O caso das obras de realidade fantástica, nem sequer suscita qualquer discussão a respeito de sua possibilidade de materialização. O mesmo, contudo, não se dá quando tratamos de ideias, de crenças e de visões de mundo coloridas por valores e tradições culturais, familiares e pessoais. Demonstramos capacidade imaginativa suficiente para realizar ensaios científicos sobre buracos negros, sem que tivéssemos deles imagens como as que foram obtidas bem recentemente. Da mesma forma, podemos orientar nossas vidas e ações a partir do pressuposto de que o universo foi criado em sete dias (dos nossos) ou ainda de que a terra é absolutamente plana.

As ideias e pensamentos que nos perpassam podem se mostrar absolutamente coerentes e consistentes em si mesmos, mas, ainda assim, podem não possuir as condições necessárias para se concretizarem no mundo tridimensional. Exemplo muito claro se evidencia na polarização e na exacerbação das oscilações políticas que observamos no planeta - à esquerda ou à direita, sempre baseadas na crença de que existe "um lado melhor" ou "mais verdadeiro".

Como nos disse Aristóteles, do alto de sua sabedoria, "o ignorante afirma (...) e o sensato reflete".

APRESENTAÇÃO

A Revista Santa Rita é uma publicação eletrônica do Centro Universitário Santa Rita de Cássia — UniSantaRita, que objetiva o desenvolvimento e a democratização do acesso ao conhecimento.

Não podemos deixar de ressaltar o comprometimento dos professores, o empenho dos alunos e a preciosa participação de outros colaboradores do meio acadêmico, que têm sido de grande valor para que esta publicação alcance seu ideal.

Nesta oportunidade temos a satisfação de abrir nossa edição com um artigo de quatro de nossas discentes do curso de Pedagogia, sob orientação da Profª Drª Ana Carolina Colacioppo Rodrigues seguido de outro, elaborado por duas de nossas discentes do curso de Enfermagem, sob orientação do Prof. Dr. Thiago de Almeida. Contamos também com as preciosas colaborações do Prof. Alexandre Gomide Frugiuele Babo, do Prof. Lincoln Biela de Souza Vale Junior em parceria com a Profª Glaucia Guisso Fernandes e do Prof. Dr. Herbert Rodrigues em parceria com a Profª Aline Mizutani Gomes. Fechamos a revista com o artigo escrito pelo Prof. Gustavo Nasser Vargas de Oliveira em parceria com o Prof. Dr. Miguel Adriano Inácio e o Prof. Dr. Rafael Cardoso Toledo.

Agradecemos aos nossos valorosos colaboradores, que certamente nos enriquecerão com pontos de vista abalizados, sensatos e dotados da profundidade que o meio acadêmico merece.

Boa leitura e até a próxima edição!

O editor

SUMÁRIO

ARTIGOS

1- DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM BREVE RELATO COM FOCO DIMENSÕES DA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS	
Ana Carolina Colacioppo Rodrigues (orientadora), Daniella Sá dos Santos, Marilsa Paula da Silva So Nathaly Bianca Bueno de Oliveira Gomes e Pamella Caroline Ribeiro Ordálio Costa	
2- O ENFERMEIRO E A RELAÇÃO COM O PACIENTE INFANTIL ACOMETIDO PELO AUTISMO	
Thiago de Almeida (orientador), Maria Eugenia Dias e Thais da Costa Teixeira	15
3 - O CULTO AO CORPO - SUPLEMENTOS ALIMENTARES E ANABOLIZANTES – OS VILÕES DA SA Alexandre Gomide Frugiuele Babo	
4- O PAPEL DO ADVOGADO NA NEGOCIAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Lincoln Biela de Souza Vale Junior e Glaucia Guisso Fernandes	31
5- FORMAÇÃO DE ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS LEIS: UM ESTUDO SOBRE SOCIALIZAÇÃO LEGAL DE ADOLESCENTES EM SÃO PAULO	
Herbert Rodrigues e Aline Mizutani Gomes	40
6- AVALIAÇÃO DO ENSINO DE FÍSICA MODERNA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP	
Gustavo Nasser Vargas de Oliveira, Miguel Adriano Inácio e Rafael Cardoso Toledo	48
NORMAS CERAIS DARA DURI ICAÇÃO	

DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM BREVE RELATO FOCALIZANDO ALGUMAS DIMENSÕES DA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS

Daniella Sá dos Santos Marilsa Paula da Silva Santos Nathaly Bianca Bueno de Oliveira Gomes Pamella Caroline Ribeiro Ordálio Costa

Graduandas do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Santa Rita de Cássia

Ana Carolina Colacioppo Rodrigues (Orientadora)
Graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela PUC/SP
accolacioppo@hotmail.com

RESUMO

Este artigo trata de aspectos das discussões tecidas pelo grupo de pesquisa intitulado Docência nos anos iniciais da escolarização em suas múltiplas facetas, que focalizou, num primeiro momento, algumas dimensões da avaliação de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. O grupo é composto por professora e alunas do terceiro semestre do curso de Pedagogia, do período matutino, do Centro Universitário Santa Rita. O presente artigo tem os objetivos de apresentar as partes centrais de seu projeto e de expor um breve relato das principais discussões que balizaram as experiências desenvolvidas pelo grupo em um curto período, no contexto do segundo semestre de 2018. Os debates foram subsidiados por contribuições de autores diversos de destaque em estudos teóricos na área da avaliação. Seus resultados ressaltam a relevância desse tipo de experiência desenvolvida em grupo de pesquisa em curso de licenciatura, ensejando novas possibilidades de aprofundamentos e estudos fundamentais à atuação do futuro professor dos anos iniciais da escolaridade.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Avaliação de crianças. Desempenho de alunos. Manifestações docentes. Anos iniciais do ensino fundamental.

ABSTRACT

This article deals with aspects of the discussions carried out by the research group entitled Teaching in the initial years of schooling in its multiple facets, which focused, at first, some dimensions of the evaluation of children in the initial years of elementary school. The group is composed by teacher and students of the third semester of the Pedagogy course, of the morning, of the University Center Santa Rita. The present article aims to present the central parts of its project and to present a brief report of the main discussions that marked the experiences developed by the group in a short period, in the context of the second half of 2018. The debates were subsidized by contributions from several outstanding authors in theoretical studies in the area of evaluation. Their results highlight the relevance of this type of experience developed in a research group in the course of undergraduate studies, providing new possibilities for deepening and fundamental studies for the performance of the future teacher of the initial years of schooling.

Keywords: Pedagogical practice. Evaluation of children. Students' performance. Teachers' manifestations. Early years of elementary school.

Introdução

O presente artigo pretende relatar aspectos das discussões tecidas em uma etapa das reuniões realizadas com um grupo de estudos de alunos do curso de Pedagogia do Centro Universitário Santa Rita.

Os escritos a seguir compõem parte do projeto intitulado *Docência nos* anos iniciais da escolarização em suas múltiplas facetas, que tem por objetivos que os alunos possam:

- Vivenciar experiências formativas tangentes às especificidades que configuram a docência do professor pesquisador quanto aos modos de agir para ensinar nos contextos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental na escola contemporânea.
- Discutir concepções e funções subjacentes às práticas de ensino e avaliação vigentes nas escolas de educação básica com o subsídio de estudos teóricos que embasem a formação do professor pesquisador.
- Compreender a relevância social e científica da pesquisa educacional e o compromisso ético dos pesquisadores.
- Servir-se de procedimentos e da pesquisa para a leitura, análise e compreensão da prática educativa nos contextos da escola enquanto instituição social e das práticas pedagógicas no âmbito das salas de aula para orientar escolhas didáticas.
- Trabalhar em grupo com disposição para interagir e cooperar, participando ativamente das discussões, expondo, ouvindo, respeitando, contribuindo e buscando o consenso.
- Desenvolver aprimoramento teórico e metodológico no que tange ao contexto de investigações de fenômenos da área da educação.
- Ler e sistematizar produções que possibilitem o aperfeiçoamento dos conhecimentos e a compreensão de problemas no campo educacional.
- Analisar e propor diferentes possibilidades de elaboração de projetos e apresentação de relatórios de pesquisa em educação, considerando os critérios de produção do trabalho científico.

As justificativas para a realização do projeto junto aos alunos decorrem de que a pesquisa é um recurso importante ao desenvolvimento profissional docente na escola contemporânea de educação básica. O trabalho docente, como exercício complexo e desafiador, requer constante disposição para aprender, inovar,

questionar e investigar sobre como e por ensinar. Numa sociedade constantes mudanças e infinitas incertezas, as exigências para se exercer o magistério têm sido cada vez maiores, tornando bastante relevante a noção de professor reflexivo e pesquisador e ensejando a ideia de que o professor deve sistematizar sua reflexão, tornando-a investigativa. Dessa forma, propiciar experiências formativas no âmbito da pesquisa em relação aos modos de agir que configuram a docência em suas múltiplas dimensões é bastante relevante à formação de alunos nas licenciaturas.

Segundo Pesce e André (2012) os conhecimentos para lidar com complexidade da profissão exigem o entendimento da realidade para responder projetar ações que favoreçam à aprendizagem, capacidade de analisar, criticar, refletir de uma forma sistemática sobre sua prática, visando a transformação escolar e social e uma melhora na qualidade do ensinar e de inovar. Nesse contexto, pesquisa possibilita capacidade de reflexão sobre a prática profissional e de busca de formas atitudes, habilidades, (conhecimentos, relações) que ajudem ao aperfeiçoamento do trabalho docente. O uso de ferramentas que possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de dificuldades torna o professor mais livre para tomar suas próprias decisões.

Diagnosticar, levantar hipóteses, buscar fundamentação teórica e analisar dados são algumas das atividades que podem ajudar o trabalho docente, quando se consideram as exigências da realidade atual e a complexidade da atividade da docência (PESCE e ANDRÉ, 2012). Assim, a concepção de professor pesquisador aqui em evidência subsidia o oferecimento de condições para o futuro professor assumir a sua realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e de análise.

A pesquisa é um elemento considerado essencial para a formação e atuação docente; é uma ideia que está presente na literatura e em textos oficiais importantes. O domínio do gênero acadêmico, o saber se expressar com clareza, é um dos requisitos de um pesquisador. Portanto, a pesquisa é recurso indispensável ao trabalho do

professor, para investigar tanto questões relacionadas à área específica como questões da prática pedagógica. A formação do professor pesquisador aqui em pauta relaciona-se à construção de forma de pensar curiosa, observadora, reflexiva e analítica visando subsidiar significativas experiências formativas ao exercício da docência nos anos iniciais da escolaridade.

Nesse contexto, o próximo item relatará uma das etapas definidas com o realizada entre setembro dezembro de 2018, que se refere a concepções e funções subjacentes a avaliativas/ análises práticas materiais/atividades, provas e trabalhos avaliados por docentes nos anos iniciais da escolarização coletados em empírico. Foi feita a seleção de apenas alguns aspectos relevantes tratados a fim de que as informações possam ser detalhadas no espaço de um artigo, conforme proposto pela Instituição.

Avaliação de crianças dos anos iniciais da escolaridade: noções introdutórias

A escolha por tratar da avaliação de crianças decorre do fato de que ocupa um lugar de destaque nos contextos escolares. As práticas habituais, muito mais do que as explicações conceituais, estruturam as práticas, afetando a organização dos programas escolares e sua realização. Professores mencionam a avaliação, que se refere a um processo, mas, na realidade, muitas vezes se referem a exame, a ação pontual, e os dois acabam transformando-se em sinônimos. Nessa dinâmica, segundo Álvarez Méndez (2013), a parte se confunde com o todo; o medido, com o avaliado; o que mais pontua com o que mais vale, até se transformarem no motivo condutor do processo educativo. O exame, mais que a avaliação, acaba determinando e propiciando forma ao currículo. O exame desempenha funções valorizadas. extremamente ultrapassam os objetivos para os quais foi pensado como recurso auxiliar.

Dentre os aspetos fundamentais para a compreensão da avaliação na escola contemporânea, em sua complexidade, estão o conhecer e entender como agir com ela, saber qual é o conhecimento que vale a pena aprender e, por conseguinte, qual conhecimento vale a pena ser ensinado; o que e com que finalidade ensinamos, o que nos remete ao que entendemos por conhecimento valioso e, portanto, merecedor de ser ensinado, o que significa que seja a parte da cultura que vale a pena ser aprendida. Devemos nos atentar ao valor da avaliação na sua função formativa, e ao entendimento de que a avaliação não é um fim em si mesma. e sim um elemento que deve permanecer integrado ao currículo, que deve agir a serviço de quem aprende e de quem ensina, e a serviço da ação didática, porque ela mesma é um recurso valioso para subsidiar a aprendizagem (FREITAS; FERNANDES. 2007: LUCKESI. ÁLVARES MÉNDEZ, 2013).

Segundo Álvarez Méndez (2013) existem finalidades diferentes para as quais a educação contribui, há outras funções que a avaliação desempenha que, na prática, atuam de modo antagônico entre si, sendo derivadas da função somativa, que por razões alheias aos interesses didáticos, é exigida da avaliação escolar, tais como certificação, promoção, seleção, exclusão. É importante saber em qual deles cada proposta aposta, com qual função cada profissional se compromete, a qual se reputa maior peso às disposições administrativas e às práticas docentes e em que momentos do processo elas adquirem importância.

Nesse contexto, várias questões sobre ocorrências em relação a aspectos que envolvem o baixo desempenho de alunos nas escolas e que vêm sendo consideradas como expressões de fracasso escolar nas instâncias de educação básica contemporâneas, estão presentes nas discussões dos órgãos oficiais e dos especialistas responsáveis pela educação.

A motivação a realizar estudos e pesquisas no âmbito do insucesso escolar pelos componentes do grupo, em escolas, se acentuou a partir de reflexões acerca de informações sobre alunos que apresentaram baixo desempenho, mesmo após avaliação formativa e recuperação paralela.

Em dezembro de 2018, além das leituras e produções de sínteses oriundas das análises das contribuições dos autores da área, algumas das alunas envolvidas se organizaram em relação a estudos teóricos associados a coleta de informações em

escolas, desenvolvendo observações e/ou entrevistas com os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os estudos teóricos, é relevante ressaltar que as pesquisas sobre o fracasso escolar foram marcadas por um discurso ideológico no qual os motivos do mau desempenho eram tidos como relacionados aos fatores hereditários do aluno. Por volta da década de 1970, essas teorias foram questionadas e a origem social dos alunos passou a ser um aspecto importante a ser considerado nas pesquisas educacionais, dando origem às teorias da carência cultural e as relações com características sociais. Desde então, diferentes autores de vários países vêm se dedicando aos estudos dessas questões a partir de abordagens sociais.

Para Bourdieu (1998), no sistema educativo há um processo implícito que gera diferenças sociais. Os processos escolares e a forma de escolarização mostram-se seletivos, de modo que as crianças das camadas sociais mais altas são favorecidas, pois têm capital cultural similar ao valorizado no sistema escolar; a ação pedagógica tem características que privilegiam a cultura dominante e as famílias bem posicionadas socialmente têm ambiente cultural mais próximo daquele que é valorizado na escola. O referido autor estabeleceu importantes relações entre o sistema de ensino e a estrutura social, tornando insuficiente analisar as desigualdades escolares somente como produtos das diferenças supostamente naturais entre os homens. Os trabalhos de Bourdieu (1998)trouxeram muitas contribuições à área educacional: marcaram, principalmente a partir da década de 1970, os estudos na educação, em especial as questões relativas à seletividade no interior da escola, apontando a diferença de rendimento em função das condições sociais dos alunos e comparando indivíduos de baixa renda e de condição social mais elevada.

Estudos realizados por outros autores em décadas posteriores acrescentaram outros dados. Charlot (1996), por exemplo, aponta que os sociólogos dos anos 1960 e 1970 mostraram a correlação estatística entre a origem social dos alunos e seus resultados escolares, mas a teorização resultante não permitiu conhecer bem os casos marginais,

como, por exemplo, os de crianças de meio social privilegiado que não obtêm bons resultados escolares. O autor considera essencial não deixar de lado a singularidade, visando compreender as possibilidades de casos marginais e conhecer as formas modernas de desigualdade social no âmbito escolar e as perspectivas de situações diversas.

Para Lahire (2004),faz-se necessário investigar a dinâmica de cada família para compreender como e em que grau, os capitais e habitos dos pais, membros das famílias, são ou não transmitidos às crianças. Ele buscou entender as razões que ultrapassam a perspectiva estatística mera desempenho escolar nos meios populares franceses, verifica formas de organização familiares e procura reconhecer diferenças secundárias entre famílias. Como resultado de seus estudos, o autor aponta que, nas camadas populares, há alunos que apresentam rendimento escolar que foge perspectivas estatísticas, obtêm resultados mais altos ou mais baixos do que os mais comumente atribuídos ao discente aue frequenta as zonas prioritárias da educação francesa. demonstrando os limites das análises quantitativas. Ou seja, há alunos que pelas suas condições socioeconômicas e culturais estariam dentro dos contingentes de fracasso escolar, mas se sobressaem apresentando êxito de escolaridade.

Seguindo esses princípios teóricometodológicos, ressalta-se a necessidade de investigar contextos que envolvam avaliação de alunos em escolas de educação básica, principalmente no que se refere a circunstâncias de certo insucesso.

Algumas atividades e manifestações analisadas: exemplos de debates de duas reuniões realizadas no grupo

Nas discussões tecidas em grupo sobre o que é avaliar, o uso da palavra avaliação, seus aspectos formais e informais, o avaliar e o medir, foram destaques: o necessário vínculo entre planejar o ensino e avaliar os resultados; a avaliação como crítica do percurso de uma ação, o planejamento dimensionando o que se vai construir e a avaliação como subsidio dessa construção para fundamentar novas decisões; o avaliar enquanto ato político e de poder que pode servir à inclusão ou exclusão social; avaliação classificatória, somativa, diagnóstica e formativa e as suas relações com a inclusão e a exclusão de alunos (LUCHESI, 2011; FREITAS, 2003).

Atividades de crianças foram analisadas na relação com as manifestações de seus professores nos seus relatos de avaliação de alunos. Um exemplo interessante sob análise se refere à escrita de uma história produzida por uma criança de quinto ano do ensino fundamental e que vivenciava situações de fracasso escolar nas concepções de suas professoras, gestão da escola e família (RODRIGUES; MARIN, 2013).

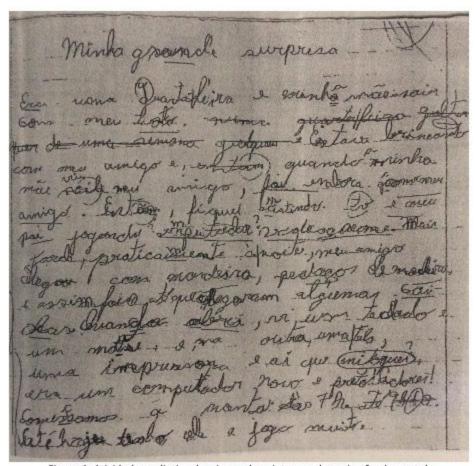


Figura 1. Atividade avaliativa de criança de quinto ano do ensino fundamental. Fonte: arquivos de estudos do grupo.

A figura 1 revela exemplo de atividade avaliativa de Língua Portuguesa em instituição que atende crianças de ensino fundamental. Seus professores afirmaram trabalhar com avaliação formativa.

Os julgamentos efetuados pelos professores em relação à atividade da criança remetem a aspectos que se referem às características supostamente naturais das crianças, tais como necessidade de uso de remédios e hiperatividade (RODRIGUES; MARIN, 2013). As justificativas docentes para o baixo desempenho tangem ao que ficou intitulado como ideologia do dom, discurso pelo qual as desigualdades de desempenho são atribuídas a diferenças de características e aptidões individuais decorrentes de talentos ou dons e não associadas às desigualdades de condições sociais e de acesso a bens culturais. (BISSERET, 1979).

E a análise do erro à reorganização das práticas pedagógicas? E a atuação didática das professoras? Foi justamente a análise em relação aos tipos de erros e possibilidades de intervenções que possam ser adequadas - ao avanço das crianças em reação à escrita - que balizou a discussão nos grupos, tomando a profunda análise dos erros/alterações como centrais às intervenções didáticas, a fim de tornar efetivas as possibilidades de aprendizagem aventadas aos alunos dos anos iniciais da escolarização. É fundamental analisar as habilidades requeridas à fase e ainda não desenvolvidas adequadamente a fim de fazer as intervenções nos processos de ensino.

Tomou-se como central, a complexidade das questões envolvidas pelas práticas de avaliação e a necessidade de compreendê-las de forma integrada, pois, mediante resultados de avaliações, há diferentes movimentos de responsabilização nas escolas: alunos são julgados, com frequência, como apresentando falta interesse, esforço, motivação, inteligência, habilidades... Professores: são vistos em suas falhas... Pais: na suposição de que não oferecem apoio e acompanhamento (CATANI; GALLEGO, 2011).

Outro foco de pesquisa importante e presente nos debates se remete à avaliação formativa proposta nas instâncias organizadas em ciclos; na década de 1980, com estudos sobre o fracasso escolar e a defesa da concepção de educação não discriminatória e comprometida com a almejada democratização do ensino; a medidas políticas da década

seguinte visando reverter quadros de exclusão: progressão continuada e ciclos; a mudanças nos sistemas a fim de reverter o quadro de fracasso escolar – propostas respaldadas pela flexibilidade e avaliação que fundamentam a LDB atual (BRASIL, 1996); ao insucesso do impacto das noções de avaliação diagnóstica e formativa nas redes organizadas em ciclos (BARRETO; SOUZA, 2005; FERNANDES, 2005; MAINARDES, 2001).

Nesse contexto, ressaltou-se que, quanto às realidades das escolas organizadas em ciclos, segundo Paro (2011), muitas escolas apenas suspenderam as reprovações anuais — para seguir a "moda" ou para conseguir índices de desempenho aparentemente melhores, mas sem reformar a estrutura didática, sem adequar o ensino às necessidades dos alunos. Isso produziu muitas vezes a reprovação na passagem de um ciclo ao outro e o entendimento dos ciclos como um conjunto de séries.

Contribuindo para o debate, a seguir trabalhamos com a importante produção de Knoblauch (2004), que pesquisou as mudanças e permanências nas práticas avaliativas na reorganização de uma escola do regime seriado para o de ciclos, nos anos iniciais de uma rede municipal. A figura se refere a uma atividade de criança de segundo ano do ensino fundamental.

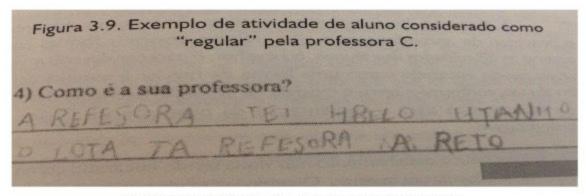


Figura 2. Atividade de criança de segundo ano do ensino fundamental. Fonte: Knoblauch (2004).

Knoblauch (2004) discute a redação de parecer descritivo avaliativo da escola organizada em ciclos, realizado pela professora analisada de forma vaga como a nota.

O parecer da professora analisada pela pesquisadora expõe que a criança "identifica todas as letras do alfabeto e registra as suas ideias compreendendo o princípio alfabético da língua escrita fazendo uso da relação biunívoca". (KNOBLAUCH, 2004, p.102).

O mesmo parecer foi usado para crianças com possibilidades de escrita bastante diferenciadas em relação à criança que escreveu a resposta exposta. A partir disso foi ressaltado no grupo, a relevância das redações de pareceres que efetivamente sejam fiéis às conquistas, necessidades e avanços das

crianças num contexto de avaliação formativa que realmente impactem as práticas pedagógicas e possibilitem o aprimoramento infantil em relação às aprendizagens escolares cruciais que devem ser desenvolvidas nos anos iniciais da escolarização.

grupo focalizou inicialmente, conforme exemplo da figura 1, atividades de alunos que não desenvolveram as habilidades de leitura e escrita condizentes com os anos de escolarização que vivenciaram, essenciais para o entendimento dos conteúdos das disciplinas escolares, não apresentando poucas alterações ortográficas, nem utilizando adequadamente os sinais de pontuação, não compreendendo textos extensos, suas finalidades, o efeito da utilização da pontuação e a relação de causa e conseguência implícitas em textos mais complexos, utilizados para o trabalho com o conteúdo. As atividades foram discutidas na relação com as considerações avaliativas de seus professores. Nessa dinâmica, ressaltou-se análise das habilidades ainda desenvolvidas e as possíveis intervenções no processo de ensino-aprendizagem no cenário dos anos iniciais do ensino fundamental.

Em reunião posterior, o grupo focalizou ainda as manifestações docentes a respeito dos alunos que lhes geraram preocupação no que se refere à aprendizagem, principalmente da linguagem escrita. Esses alunos se destacaram por apresentar rendimento escolar inferior aos dos seus colegas de classe e por terem recebido auxílio especial de seus professores para conseguirem ou tentarem acompanhar o rendimento da turma. Algumas categorias de análises estão expostas a seguir, conforme dados sistematizados por Rodrigues e Marin (2013) a partir de entrevistas com duas professoras sobre aspectos relacionados ao baixo desempenho de alunos nas avaliações escolares desenvolvidas no último ano da primeira etapa do ensino fundamental:

- Manifestações docentes a respeito de alunos com baixo desempenho na escrita e que apresentaram empecilhos à aprendizagem diagnosticados por profissionais extra-escolares
- Manifestações docentes a respeito de crianças com problemas de desempenho considerados como relacionados a fatores influenciados pela configuração do ambiente em que os alunos vivem

Por meio da análise das manifestações docentes, das atividades avaliativas realizadas pelos alunos e corrigidas pelas professoras, foi possível concluir que os alunos que apresentavam baixo desempenho escolar foram avaliados negativamente porque ainda não produziam textos coesos e coerentes, não redigiam textos adequadamente pontuados, apresentavam erros ou alterações ortográficas, não se preocupando com a forma ortográfica.

As diferenças supostamente naturais entre as crianças foram usadas como categorias explicativas para o baixo desempenho escolar na metade dos casos expostos pelas professoras entrevistadas (RODRIGUES, MARIN, 2013). Nesse sentido, a interferência de outros profissionais, que não os professores, foi bastante valorizada no processo educativo desde a família e as considerações docentes a respeito das dificuldades dos alunos ficaram submetidas a elas, seja pelos diagnósticos citados, seja pelas razões médicas apontadas, ou pelas razões de cunho psicológico difundido e aceito, tanto pelas famílias como pelos professores.

A atuação da família também foi mencionada nas entrevistas como fator que interferiu no desempenho escolar quando esta não se deu de maneira a auxiliar o processo de aprendizagem.

A prática pedagógica não foi colocada em questão em momento algum, pois as professoras consideravam que trabalharam com a avaliação formativa e a recuperação paralela; então, os agentes da escola acreditavam que os alunos tiveram muitas oportunidades para se aprimorar. Nos casos analisados, o baixo desempenho dos alunos foi assumido pelas entrevistadas como conseguência de um problema da criança, diagnosticado por outros profissionais externos à escola, ou de uma situação vivenciada pela família com periodicidade suficiente para influenciar negativamente o rendimento da criança, o que propiciou que os discursos pedagógicos e de outros profissionais que atuam fora da escola ganhassem legitimidade. Esses aspectos fortaleceram a credibilidade criada a respeito da relação intrínseca entre a família e/ou as características supostamente naturais às situações de fracasso vivenciadas, ao mito do dom relativo ao desempenho escolar.

Não foram encontrados elementos suficientes para avaliar a veracidade das afirmações dos profissionais externos à escola mencionados pelas professoras, pois a realização de tais verificações não se configurou como objetivo do presente. No entanto, é plausível considerar que casos analisados se remetam à noção do dom, ainda

presente nos discursos, que, conforme as exposições de Ireland et al (2007), está enraizada na ideologia profissional. Assim, ao pensar o fracasso escolar relacionado ao dom, certas características supostamente naturais são atribuídas ao aluno e, consequentemente, acredita-se que essas o impedem de apresentar o mesmo desempenho de seus pares.

Nesse movimento, muitas vezes as práticas pedagógicas não foram passíveis de questionamento a fim de possibilitar a análise efetiva dos erros/alterações ortográficas e realizar as devidas intervenções nos processos de ensino da escrita da língua portuguesa. As atividades consideradas como avaliativas realizadas pelas crianças não possibilitaram as intervenções necessárias quando não foram consideradas como processos que deveriam visar ao aprimoramento do desempenho

escolar infantil, revelando a devida atenção que as justificativas analisadas requerem para que não se transformem em categorias explicativas para o baixo desempenho, sem impulsionar a necessária reorganização das práticas de ensino a partir da análise dos percalços evidenciados pelos discentes em relação às habilidades requeridas à faixa etária, fase da escolarização, passíveis de intervenções didáticas a serem definidas a partir das devidas análises dos erros.

Dessa forma, foram justamente as necessárias intervenções para o desenvolvimento das habilidades detectadas nas atividades avaliativas que foram privilegiadas nas discussões, a fim de promover novas possibilidades de aprimoramento às crianças a partir das análises dos erros evidenciados nas escolas de educação básica.

Mais algumas considerações

Essas reflexões retrataram algumas facetas discutidas pelo grupo em relação aos aspectos relacionados à avaliação de crianças nas escolas contemporâneas, referindo-se a curtíssimo período, conforme inicialmente, mas com possibilidades diversas de aprofundamento e de inserção de novos temas relativos ao desempenho e à avaliação nas instâncias de educação básica em seus múltiplos contextos configuradores, conforme singularidades caracterizadoras de diferentes campos empíricos aue potencialmente possam contribuir na formação pedagógica do alunado da licenciatura em Pedagogia.

Dentre as possibilidades posteriores de estudos apontadas em novos períodos, destacaram-se as avaliações externas, conforme discutidas por Gatti (2014) e Bauer (2015), que ainda não foram privilegiadas pelo grupo, podendo ser debatidas em atividades futuras por sua centralidade em instituições diversas, com a necessária análise dos descritores que as compõem na relação com as

práticas pedagógicas caracterizadoras das vivências promovidas em instâncias de ensino fundamental.

Outro foco a ser contemplado, e que foi sugerido no grupo, se refere à análise de campos empíricos caracterizados por práticas avaliativas consideradas bem-sucedidas no âmbito das atuais políticas públicas.

Finalizando, cabe ressaltar que a temática aqui privilegiada se justifica porque o fracasso escolar é um grave problema e a avaliação, por suas características que podem - e devem - potencializar atos reflexivos à melhoria da qualidade da relação pedagógica, é um processo fundamental para a compreensão dos diferentes aspectos que influenciam e definem os processos de ensinar e aprender.

É preciso:

Transformar a prática avaliativa em prática de aprendizagem; avaliar como condição para a mudança de prática de ensino.

Referências

ÁLVAREZ MÉNDEZ, J. M. O currículo como marco de referência para a avaliação educativa. *In*: GIMENO, J. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Grupo A, 2013. pp.299-315.

BARRETO, E. S. de S.; SOUZA, S. Z. de. Reflexões sobre as políticas de ciclos no Brasil. Cadernos de Pesquisa, v.35, n.126, p.659-688, set/dez. 2005.

BAUER, A. et al. **Avaliação em larga escala em municípios brasileiros: o que dizem os números?** Est. Aval. Educ, São Paulo, v.26, no. 62, p.326-352, maio/ago. 2015.

BISSERET, N. A ideologia das aptidões naturais. In: DURAND, J. C. G. (org). Educação e hegemonia de classe – as funções ideológicas da escola. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) Pierre Bourdieu – Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 71 - 79.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

CATANI, D. B.; GALLEGO, R. de C. Avaliação. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio/ 1996.

FERNANDES, C. A organização escolar em ciclos: velhos e novos desafios. In: ALMEIDA, M. I. de et al. Políticas Educacionais e Impactos na sala de aula. Araraquara: Junqueira e Marin editores, 2012. pp.79-90.

FERNANDES, C. de O. e FREITAS, L. C. de. **Indagações sobre currículo:** currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ens fund/indag5. pdf>. Acesso em julho de 2017.

FREITAS, L. C.. Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas. São Paulo: Moderna, 2003.

GATTI, B. A. Avaliação: contexto, história e perspectivas. Olh@res, Guarulhos, v.2, n.1, pp.08-26. Maio, 2014.

IRELAND, V. É. (coord.) Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.

KNOBLAUCH, A. Ciclos de aprendizagem e avaliação: o que a prática escolar nos revela. Araraquara: Junqueira&Marin editores, 2004.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINARDES, J. A organização da escolaridade em ciclos: ainda um desafio aos sistemas de ensino. In: FRANCO, C. (org). Avaliação, ciclos e promoção na educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PARO, V. H. Progressão continuada, supervisão escolar e avaliação externa: implicações para a qualidade de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, no. 48, set/dez. 2011.

PESCE, M. K; ANDRÉ, M. E. D. A. A formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador. Form. Doc., Belo Horizonte, v.04,n. 07, p.39-50, jul/dez. 2012. Disponível em: http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br. Acesso em julho de 2017.

RODRIGUES, A. C. C; MARIN, A. J. Crianças que apresentam baixo desempenho na escola: como são julgadas? Imagens da Educação, v.03, n.03, p.22-30, 2013.

O ENFERMEIRO E A RELAÇÃO COM O PACIENTE INFANTIL ACOMETIDO PELO AUTISMO

Prof. Dr. Thiago de Almeida (orientador)

Doutor pelo Departamento de Psicologia da Aprendizagem do Desenvolvimento da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP. Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP e psicólogo pela Universidade de São Carlos. Docente da UniSantaRita.

thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

Maria Eugenia Dias Thais da Costa Teixeira

Discentes do curso de enfermagem da UniSantaRita, orientandas do Prof. Dr. Thiago de Almeida.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças, o acolhimento oferecido à família e a importância do enfermeiro em relação ao trato do paciente infantil com autismo. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, através de uma abordagem qualitativa de análise de dados. A partir do levantamento realizado co esse critério, observamos que, apesar do crescente número de diagnósticos de TEA, a consciência quanto à necessidade de capacitação dos profissionais da área da saúde e da importância destes atuarem em equipe para um completo amparo à criança e sua família, sobretudo no que se refere aos profissionais de enfermagem, mostra-se incipiente.

Palavras-chave: Autismo; Transtornos do Espectro Autista; Diagnóstico; Enfermagem.

ABSTRACT

The objective of this study is to address the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD) in children, the reception offered to the family and the importance of the nurse in relation to the treatment of the child with autism. The methodology used was the one of bibliographical research, through a qualitative approach of data analysis. Based on the survey carried out with this criterion, we observed that, in spite of the increasing number of diagnoses of ASD, the awareness about the need for training of health professionals and the importance of these teams in order to fully support the child and his family , especially with regard to nursing professionals, is incipient.

Keywords: Autism; Autism Spectrum Disorders; Diagnosis; Nursing.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA), dizem respeito a um quadro clínico complexo. Os TEA englobam um complexo e variado grupo de transtornos de neurodesenvolvimento que podem causar dificuldades e comprometimentos com o pensamento, limitação na reciprocidade das emoções, padrões estereotipados e repetitivos de comportamento, desenvolvimento intelectual irregular, frequentemente com retardo mental sentimento, déficits de linguagem e capacidade de se relacionar com os outros. Sabe-se que a base dos TEA é neurobiológica, ou seja, seus sintomas decorrem de alterações funcionais no sistema nervoso central. afetando cognições, comportamentos e emoções, manifestando-se por meio de graus variados quanto a seus agravos. Portanto, os TEA certamente não são um transtorno único em sua apresentação clínica, como provavelmente também não o são em sua causalidade dentro do espectro autista. Destaca-se ainda que os TEA influenciem em três aspectos da vida social da pessoa: social, comunicação interação comportamento (CAMARGO & BOSA, 2009; MARCELLI, 1998 apud SMEHA & CEZAR, 2009).

A manifestação dos sintomas de TEA começam cedo na infância. Dito isso, seria correto pontuar que essas crianças necessitam de um atendimento especializado, pois, as pessoas acometidas com esse transtorno possuem diversas dificuldades. Nesse sentindo. é imprescindível a assistência de enfermagem quanto ao trato com os pacientes infantis TEA. O enfermeiro deve prestar assistência à criança como também aos familiares; esse atendimento deve ser norteado tanto pela humanização, como pelo acolhimento, além de permitir a formulação de estratégias e intervenções para se possa garantir o maior bem-estar e desenvolvimento da criança que sejam possíveis.

Desde 2012 foi criada uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, para atender essa necessidade de acolhimento, com objetivo de garantir a Integralidade na assistência à saúde aos que tem autismo (FURTADO, BRAYNER & SILVA, 2014). Portanto, a criança diagnosticada com TEA e a sua família, têm o direito à atenção e acolhimento amplo, todos esses, assegurados por Lei.

Com base nessa explanação, a temática deste estudo focaliza o paciente infantil com TEA e a assistência dedicada a ele por parte do corpo de enfermagem. O que norteia esta pesquisa é a busca de responder as seguintes questões: quais os principais fatores que envolvem o paciente acometido por TEA e qual o papel — ou papéis - do corpo de enfermagem dentro desse contexto?

Como forma de buscar respostas para as questões-problema, esta pesquisa objetiva identificar o papel do enfermeiro na assistência de enfermagem à criança com TEA e a seus familiares. Como tarefas específicas do corpo de enfermagem, destacamos:

- Identificar os sinais e sintomas do TEA na infância:
- Identificar o papel do enfermeiro na assistência prestada na descoberta do TEA na infância;
- Estabelecer como deve se dar o auxílio à família no cuidado para com a criança, quanto à orientação sobre o TEA e na percepção dos sinais e sintomas;
- IV. Auxiliar na assistência à criança acometida pelo TEA e sua família, por meio de métodos interativos da criança com seu meio social.

Após a confirmação do diagnóstico de TEA é fundamentalmente importante que os pais sejam orientados sobre os recursos que podem vir a auxiliá-los nesse momento, para que os mesmos tenham controle perante a situação (SCHULMAN, 2002; ROLLAND, 2001).

Nesse contexto faz-se importante que a família adote papel ativo durante todas as etapas do tratamento oferecido à criança acometida pelos TEA, pois mesmo os pequenos avanços se refletem na qualidade de vida de todos os envolvidos (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006).

O profissional de enfermagem deve sempre prestar informações aos pais das crianças acometidas pelo TEA e avaliar se houve compreensão quanto ao que comunicou. No entanto, para que o enfermeiro oriente os pais devidamente, é preciso que ele seja capacitado para isso. Portanto, é importante que os enfermeiros busquem se capacitar cada vez mais para adquirir conhecimento e experiência acerca do autismo (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Profissionais preparados estarão aptos a realizar um diagnóstico precoce de crianças com suspeita de TEA, o que influenciará sua qualidade de vida. O profissional da área de saúde diretamente ligado ao público infantil - principalmente se tratando de saúde mental - deve estar aberto a todas as situações e empenhar-se em trabalhar de forma plena prestando assistência integral à criança com autismo, elaborando ações junto à família do paciente que garantam uma melhor qualidade de vida.

Diante do exposto, a realização deste trabalho se justifica pela necessidade e importância de ampliarmos o que sabemos sobre o TEA, a fim de que se possam realizar adequadamente a qualificação da enfermagem para a prestação de cuidados adequados às crianças com autismo e fornecer orientações úteis às suas famílias.

Os entraves de desenvolvimento para a criança acometida pelo TEA são indiscutíveis. Em certos casos, quanto não se tem o acompanhamento necessário, a criança pode apresentar dificuldades de desenvolvimento. Diante dessa realidade, existe a necessidade de se trazer a temática ao campo das discussões acadêmicas.

O enfermeiro tem importante papel na prestação de assistência ao paciente acometido pelo TEA, bem como à sua família.

2 MÉTODO

O caminho metodológico percorrido durante esse estudo consistiu em traçar uma pesquisa de revisão integrativa, com abordagem qualitativa. Os estudos integrativos dizem respeito àqueles nos quais o pesquisador colhe os dados por meio de produções científicas baseadas na temática que se pretende abordar (MARCONI; LAKATOS 2013).

Segundo Marconi e Lakatos (2013). trabalhos integrativos buscam OS desenvolver uma revisão da literatura, com a finalidade de apresentar as perspectivas de um conjunto de teóricos acerca de determinada temática e, dessa forma, buscam reescrever e refletir sobre os entraves que circundam certo fenômeno. Ainda segundo os autores, a abordagem qualitativa consiste em um tipo de análise na qual o pesquisador tem maior espaço para selecionar e analisar os dados de forma a observar, explicar, avaliar e determinar o modo como certo fenômeno ocorre e sugerir estratégias e intervenções para se lidar com a situação.

O primeiro momento do estudo consistiu na definição e na delimitação do tema, para em seguida se chegar a uma problemática e, por conseguinte, traçar objetivos que pudessem responder às questões norteadoras do estudo. Depois de estabelecidas essas questões iniciais. realizamos o levantamento de dados em produções acadêmicas, como artigos, monografias, trabalhos de conclusão de curso, a partir dos descritores: "Autismo", "Assistência de Enfermagem", "Paciente Autista Infantil". Foram selecionados para esta pesquisa, cinco trabalhos entre artigos e monografias que foram coletados em buscadores como o Google Acadêmico, Scielo, além de bancos de dados de revistas de enfermagem e saúde, como também de sites de universidade e instituições de ensino. Também foram utilizados cartilhas e orientações do Ministério da Saúde do Brasil, disponíveis em sua plataforma on-line.

O material coletado foi fichado e selecionado com base na relevância que apresentavam para a questão prematuridade do diagnóstico e da fundamentos assistência de Consideramos enfermagem. também alguns documentos oficiais e legislativos, tais como Portarias do Ministério da Saúde. A partir dos trabalhos disponíveis para leitura gratuita, realizamos a leitura de e seus resumos selecionamos discussão, aqueles que evidenciavam associação direta com OS termos pesquisados.

No caso desse estudo, buscamos observar os principais entraves quanto ao paciente infantil acometido pelo TEA e a importância da assistência de enfermagem, norteada pelas políticas públicas e a necessidade de humanização do atendimento e construção de vínculos com a criança e sua família.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Considerações sobre o TEA

Denomina-se Transtorno de Espectro Autista (TEA), um quadro clínico referente a um distúrbio que demarca o desenvolvimento de um indivíduo, através de determinados graus de agravos. Os TEA afetam tanto a interação social do sujeito, como também a comunicação e o comportamento. Dito isto, compreende-se que esse tipo de patologia acaba por influenciar na relação de ensino e de aprendizagem do indivíduo (AMARAL, PORTILLO & MENDES, 2011). Corroborando com essas considerações citadas anteriormente, destacamos:

Autismo, então, sendo caracterizado por ser uma desordem neurológica que afeta a capacidade do indivíduo de se comunicar ou estabelecer relações com as pessoas e o ambiente, apresentando restrições por atividades, além de abranger sintomas complexos que variam de indivíduo para indivíduo, necessita ser diagnosticado na mais tenra idade, haja vista, que o

tratamento precoce pode influenciar no avanço do desenvolvimento da pessoa com deficiência (COSTA, 2017, p.33).

A partir do exposto fica claro que a acometida por TEA, pessoa uma manifestação do espectro autista, é submetida a um conjunto de desordens de caráter neurológico aue acabam influenciando, tanto seu desenvolvimento, como também sua habilidade para o ensino e a aprendizagem. Dessa forma, pode ser considerando também como um tipo de deficiência. Isso ocorre devido às restrições nas relações sociais que a pessoa acometida pelo TEA apresenta.

Segundo a Cartilha de Direito das Pessoas com Transtornos do Espectro Autista (BRASIL, 2011): "O TEA é considerado um Transtorno Mental e de Comportamento. Porém, alguns indivíduos com TEA podem ter também, associadas ao quadro, uma deficiência intelectual (...) ou outras doenças associadas." (p. 6). Dessa forma, pode se compreender que nem todas as pessoas que são acometidos pelos TEA sejam, necessariamente, deficientes. Em outros termos, os TEA podem levar a um quadro de baixa inteligência, como também se associar a patologias como epilepsia, alterações físicas, entre outros. No entanto, não quer dizer que tal pessoa seja marcada, necessariamente, por deficiências.

Ainda, de acordo com a Cartilha Direita das Pessoas com Autismo (BRASIL, 2011), nem todos os acometidos apresentam défcit intelectual, pois algumas tendem até a apresentar inteligência acima do normal. Entretanto, para a Organização das Nações Unidas (ONU), os sujeitos diagnosticados por transtornos do espectro autista são considerados como deficientes, uma vez que apresentam impedimentos de

longo prazo que podem interferir ou impedir sua participação plena e efetiva na sociedade, sobretudo no que diz respeito à relação social em pé de igualdade com os demais sujeitos.

3.2 Assistência da enfermagem ao paciente acometido por TEA e aos seus familiares

Conforme Santos (2005)Nogueira (2011), o olhar da enfermagem na descoberta do autismo infantil é de suma importância, uma vez que a percepção do enfermeiro pode contribuir para o diagnóstico precoce do autismo. Para tanto é fundamental que o enfermeiro possua conhecimento que o possibilite avaliar os sinais e sintomas dos TEA, de tal forma que possa se pensar numa intervenção para o tratamento e qualidade de vida do paciente. É necessário orientar e conscientizar os pais quanto às possíveis alterações em seu filho e elaborar junto à família estratégias que possam minimizar os impactos que a doença acarreta tanto ao paciente quanto a seus familiares.

O enfermeiro é elemento de mediação entre a família encaminhando-os para uma equipe multiprofissional da área da saúde, desse modo consegue-se uma melhor assistência e cria-se um vínculo de confiança com a família e a criança acometida pelo TEA. A enfermagem tem como ação fundamental, o cuidar, voltando sua atenção tanto para o paciente acometido pelos TEA, quanto para sua família ou cuidador. Com o objetivo de trabalhar, através do contato com a família, a questão do preconceito perante a sociedade e os turbilhões de sentimentos perante o transtorno que afeta a criança.

O papel da enfermagem não deve ser restrito a executar técnicas e procedimentos, mas em desenvolver habilidade como a comunicação, pois esta é uma ferramenta importante para interação no processo de cuidar entre paciente e família. É atribuída à enfermagem, a função de orientar a família sobre a importância de se comunicar e interagir com a criança em casa, assim poderá estimulá-la a interagir com o meio em que ela vive. Desenvolver a capacidade de se comunicar se expressar pode possibilitar uma mudança de hábitos da criança, e contribuir para integrá-la da melhor forma à sociedade e uma melhor qualidade de vida.

4. Visão histórica da discussão dos TEA

Antes de começarmos a compreender sobre o processo histórico do TEA é importante entender de onde surgiu a palavra autismo, essa palavra é de origem grega onde "autos" possui seu significado "em si mesmo" e "ismo" significa "voltado para", ficando evidente que se juntarmos estes dois termos podemos compreender as características de uma criança com TEA, ou seja, a criança autista possui o seu próprio mundo (LIRA, 2004; GOMES, 2007).

Os TEA produzem um conjunto de alterações no neurodesenvolvimento que afetam a capacidade da pessoa para se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente em que vive. Ainda não existem procedimentos e instrumentos permitam identificar o autismo em exames de pré-natal, tornando portanto, difícil a realização de um diagnóstico precoce. Estudos recentes têm levado a crer que fatores genéticos podem estar envolvidos. Os TEA não são um conjunto de transtornos de fácil compreensão, mas seus mistérios vêm sendo abordados por diversos estudos científicos. Até há pouco tempo atrás, o autismo era visto como uma doença rara e consequentemente, deixava

que os pais e cuidadores, além dos acometidos diretamente pelos sintomas autísticos, ficassem sem respostas.

O termo Autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Blueler, para indicar perda do contato com a realidade, o que acarreta grande dificuldade ou até mesmo impossibilidade de comunicação. O autismo passou a ser mais conhecido a partir de 1943, com os estudos de Kanner. O psiguiatra infantil Leo Kanner, (apud GAUDERER, 1993) escreveu sobre um grupo de onze crianças que tinham um padrão de comportamento peculiar, entre eles, a incapacidade de se relacionar com as pessoas, ausência de fala ou formas peculiares de comunicação, fascinação por objetos e destreza em seu manuseio e um desejo ansioso e obsessivo de preservação da rotina do ambiente. Em um período de dois anos após o estudo, Kanner criou um substantivo e passou à fala em autismo primário, aquele que ocorre desde o nascimento e o secundário que é aquele após alguns anos, também chegou a chamar de Síndrome de Kanner, em sua homenagem, porém foi apenas durante um curto intervalo de tempo.

> No ano de 1944, o pesquisador austríaco Hans Asperger publicou, em sua tese de doutorado, a psicopatia autista da infância, um estudo observacional com mais de 400 crianças, avaliando os seus padrões de comportamento e habilidades. Descreveu um transtorno da personalidade que incluía a falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora (quadro que depois ficou denominado como sendo como síndrome Asperger) (Silva, Gaiato e Reveles, 2012, p. 160)

Um caso interessante para que possamos ilustrar os TEA é o de Donald Triplett. Ele nasceu em 1933, nos Estados Unidos, seu pai logo perceberam que seu comportamento fugia dos padrões de uma criança com a mesma idade. Em 1937, Ele foi internado por ordens médicas, com

apenas três anos de idade, a internação não durou muito tempo, os pais decidiram levá-lo de volta para casa em 1938, foi nesse mesmo ano que Donald foi atendido pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner vindo assim a se tornar o caso número um dentre as onze crianças estudadas pelo médico e diagnosticadas em uma nova condição ainda não relatada em livros, batizada na época de "autismo infantil", essas consultas foram o ponto de partida para Kanner publicar um artigo pioneiro, estabelecendo padrões para diagnóstico da sua descoberta.

No decorrer dos anos foram surgindo vários conceitos a respeito do autismo e vários autores acreditavam na possibilidade de que o autismo e a esquizofrenia estavam relacionados e também autores que atribuiam a etiologia do autismo em crianças ao relacionamento entre pais e filhos (GAUDERER, 1993).

O TEA era um quadro um tanto desconhecido no Brasil, segundo informações disponibilizadas no site institucional da Associação de Amigos do Autista (AMA), fundada em 1983, pelos pais de crianças autistas. O papel da AMA foi e ainda é de suma importância para o atendimento a essas crianças e na divulgação de informações e, nessa medida, bastante relevante.

Segundo a Associação de Amigos Autistas (AMA, 2014), "...atualmente no Brasil os indivíduos afetados pelo autismo beiram 1% da população, de acordo com o próprio Ministério da Saúde" (p.1). A AMA teve e tem a missão até hoje de "...proporcionar a pessoa com autismo uma vida digna com a possibilidade de: trabalho, saúde, lazer e integração à sociedade" (AMA, 1983, p.1). Em outras palavras, a AMA oferece à família da pessoa com autismo, instrumentos para estruturar sua convivência no lar e na